

# A complexidade, o sagrado e o magistério da ação<sup>1</sup>

Ricardo Tescarolo

## Metodologia

Reflexão:

- descoberta das condições subjetivas pelas quais conseguimos chegar a conceitos;
- discernimento da relação das representações atribuídas às diversas fontes de nosso conhecimento (KANT);
- questionamento não apenas dos conteúdos, mas dos pressupostos e fundamentos (CASTORIADIS);
- pensamento que se mira no espelho do espírito para se compreender e se devorar (FLUSSER);
- consideração do cotidiano humano — crenças, expectativas, lembranças, incertezas e critérios de julgamento — cheio de “conotações, valores e intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos” (NÓVOA). Editora Perto

## Sobre a idéia de complexidade

São reconhecidas duas possíveis categorias de complexidade: uma de natureza lógica e a outra de natureza ontológica. De um lado, a complexidade lógica se relaciona ao valor e à significação da mensagem, destacando mais a informação tácita (*exformação*) do que a explícita. Nesse caso, o valor das mensagens não estaria na sua redundância, mas na sua profundidade. A complexidade lógica, então, assume o desafio de reunir o conhecimento ao contexto e os diversos contextos entre si para enfrentar as incertezas, os paradoxos, as antinomias, as contradições e os antagonismos lógicos da realidade. De outro lado, a complexidade ontológica se manifesta na evolução da realidade natural e social, pois à medida que o universo evolui, os sistemas naturais e sociais vão ficando mais e mais complexos, enfatizando sua natureza sistêmica.

A idéia de complexidade implica, portanto, uma perspectiva sistêmica da realidade, superando uma visão mecanicista e contribuindo para a integração das ciências. Essa tendência geral no sentido de integração das várias ciências, naturais e sociais, representa uma importante contribuição para uma abordagem mais rigorosa nos campos não físicos do conhecimento científico. A tendência de se estudar os sistemas também como *totalidades irredutivelmente organizadas*, e não apenas como conjuntos, portanto, é coerente com um modo de pensar que não aceita mais a idéia de fenômenos confinados em contextos absolutamente controlados (BERTALANFFY, 1969, p. 10).

Em síntese, a complexidade constitui uma categoria lógica e ontológica que, representando a conectividade do sistema universal observada na natureza e no funcionamento dos sistemas naturais, projetados, vivos e sociais, traduz-se em um *magma* que se coloca no centro da crise contemporânea da racionalidade e catalisa as propriedades dos sistemas complexos.

Habitamos um tempo de grandes avanços na ciência e no conhecimento humano, acompanhados de novos e importantes problemas que sempre parecem produzir, em um misto de esperança e apreensão. O Projeto Genoma Humano, por exemplo, foi capaz de identificar e mapear os milhares (entre 30 e 60 mil) de genes que existem no DNA das células do corpo humano; de determinar as seqüências das bases químicas que compõem o DNA; de armazenar essa informação em bancos de dados; e de desenvolver ferramentas eficientes para analisar esses dados e torná-los acessíveis para novas pesquisas biológicas. Todavia, a seqüência completada corresponde a apenas 3% do genoma humano. O ‘resto’, cerca de 97% do código genético que se tem denominado ‘lixo genético’, surpreendentemente parece não ter função específica. Ocorre que o chamado ‘lixo evolutivo’ pode ter um papel central na organização e estruturação dos genes, o que permite supor uma função importante dessas linhas de código aparentemente sem sentido. Além disso, é possível reconhecer, nesse caso, a verdadeira condição de complexidade do mistério vital, não mais reconhecida na extensão do fenômeno ou na quantidade de genes, mas na intensidade e profundidade da regulação da expressão genética.

## O magistério da ação

O funcionamento da escola, mesmo dependendo de propriedades gerais e de sua organização e estrutura, condiciona sua existência à ação humana em seu interior. A ação se inscreve no domínio da *vita activa*, que depende de algumas condições básicas garantidas por três atividades fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. Completando as atividades fundamentais da *vita activa*, o labor se refere às atividades do processo biológico do próprio corpo humano, cujo crescimento espontâneo corresponde às necessidades vitais, como o metabolismo e o eventual declínio, que têm a ver com o labor, enquanto o trabalho, a atividade de nossas mãos, corresponde à produção de um mundo de objetos artificiais que, se não são consumíveis ou consumidos, contudo se desgastam (ARENDDT, 2001, p. 15-16).

A ação, entretanto, não pode ocorrer sem o discurso, pois é desse modo que cada ser humano mostra quem é e comunica sua identidade única e singular, inscrevendo-se organicamente no sistema social e agindo nele (*idem*, p. 192).

É, pois, a ação comunicativa que permite que se enfrente e se supere a discrepância que existe entre aquilo que as pessoas dizem e o que as pessoas fazem; entre o que fazem e o que dizem fazer; entre o que dizem que as levou a

<sup>1</sup> Seminários sobre epistemologia e didática, 17 de outubro de 2003, FEUSP.

fazer alguma coisa e o que de fato fizeram; e entre o que dizem que as outras pessoas fizeram, suas intenções e seus motivos (BRUNER, 1997).

A ação supõe um estado prévio de abertura para a coexistência com os outros humanos, matriz das relações sociais que constituem as condições de abertura para o altruísmo e a reciprocidade, bases da *con-vivência* humana (ORTEGA y GASSET, 1973, p. 145-146).

O magistério da ação, em razão da força e da flexibilidade de seus processos, provoca conseqüências imprevisíveis e irreversíveis que só podem ser superadas por poderes inusitados ainda não referidos. O primeiro é o poder de perdoar, que reverte ações passadas, contradizendo a condição natural de irreversibilidade dos acontecimentos. O outro é o poder de prometer e cumprir promessas, que garante a continuidade nas relações humanas, o que contraria a imprevisibilidade dos eventos e supera a limitação das pessoas de só terem fé em si mesmas e de desconfiarem sempre dos outros.

Os poderes de perdoar e de prometer nos reportam ao poder das virtudes. A virtude é o que torna humana uma pessoa, e constitui o poder específico que ela tem de afirmar sua própria humanidade. É a maneira que encontramos de poder ser e agir humanamente, isto é, de agir *bem*, que é a essência da virtude e o conteúdo da ética (COMTE-SPONVILLE, 1995, p. 8-9).

### O sagrado

A dificuldade que o magistério da ação encontra para estabelecer critérios válidos em um mundo submetido pelas categorias dos interesses individuais produzidas pela escalada de insignificância e de depreciação dos valores da emancipação humana, só é possível ser superada por um pensamento que utilize, sem dúvida, o território do raciocínio lógico formal, mas que deve ultrapassar suas fronteiras para que possa explorar o território misterioso do sentido da existência, da consciência e do sagrado.

Cabe aqui o depoimento de um entusiasmado Kant ([1788], 2002, p. 280-290), quando proclamava que duas coisas enchiam seu coração de admiração e respeito: o céu estrelado sobre ele e a lei moral em seu interior. Da primeira, dizia que começava no lugar que ocupava o mundo exterior e sensível e abrangia a conexão em que se encontrava “com incalculável magnificência de mundos sobre mundos e de sistemas, nos tempos ilimitados do seu movimento periódico, do seu começo, de sua duração”. Este espetáculo de uma inumerável multidão de mundos aniquilaria a importância da pessoa como *Animal laborans*, que deve “devolver ao planeta (um mero ponto no universo) a matéria de que foi feito depois de ter sido dotado (não se sabe como) por um curto tempo, de força vital”. Da segunda, entendia que começava no invisível *eu*, na sua personalidade, expondo-o em um mundo com verdadeira infinitude, mas que seria penetrável apenas pelo entendimento e com o qual seria reconhecido, “com todos aqueles mundos visíveis, em uma conexão universal e necessária, não apenas contingente, como em relação àquele outro”. Isso realçaria infinitamente o valor pessoal como a inteligência que revela uma vida humana independente do resto do todo o mundo sensível, e que não fica limitada às condições e aos limites dessa vida, mas, ao contrário, dirige-se ao infinito.

Nesse sentido, a religiosidade não constitui mera produção de ideologia que satisfaz pretensas fantasias humanas, mas catalisa as manifestações reveladoras do sagrado: as hierofanias. Atende, assim, à constatação de que, como a identidade da pessoa reside na memória de sua história, a mera suposição de “anulação dessa faculdade comporta idiotice”, no dizer de Borges. O mesmo acontece com o universo que, “sem uma eternidade, sem um espelho delicado e secreto do que passou pelas almas, a história universal é tempo perdido, e nela nossa história pessoal — o que incomodamente nos torna fantasmas” (BORGES, 1997, p.27).

A verdade de um mundo objetivo, localizado fora da pessoa, independente de sua perspectiva e de sua vontade, “bem como de toda visão otimista de um sujeito imediatamente capaz do verdadeiro e do bom, sem travar a batalha crítica das intenções e dos desejos, não vale mais” (IMODA, 1996, p. 539).

Está cada vez mais difícil elaborar conhecimentos que alimentem uma sabedoria capaz de nos orientar na trajetória da vida, submersa no não-ocupado, no não-físico, no intervalo e no vazio, no paradoxo e no mistério humano, no enigma da consciência e no sagrado.

O que se vê, toca-se e se constrói, portanto, reduz-se ao invólucro, à casca, à membrana, ao limite, às fronteiras do território do conhecimento, “como em uma fechadura, em que o importante é o buraco por onde pode entrar a chave”. (ARIAS, 1999, p. 154). E, “quem sabe, não será precisamente essa idéia de limite que suscita a idéia das coisas sem fim...” (CALVINO, 1990, p. 82).

O sagrado, no entanto, implica alguma identificação. Se tal identificação se resolver como uma outra forma de ‘eu’, o sagrado encontrará em mim o único outro que interessa, e assumirá uma natureza egocêntrica; se se resolver em uma outra pessoa, será ético; se se resolver em um Outro absoluto, será teológico.

E para tentar desvendar o **mistério do sagrado** — mistério porque não se resolve em definições nem inteiramente, e sagrado porque o outro não se revela diretamente, mas por hierofanias — consideramos a possibilidade da existência de um ‘plenamente Outro’ que esteja em interação com o universo e sobre ele exerça influência, ainda que não constitua uma intervenção direta e primária (MOLTMANN, 2000).

O sagrado propicia a oportunidade de pensar e viver além de um realismo científico que desconsidera o livre-arbítrio e reduz “a consciência à neurologia, o cosmo ordenado da ciência a um sistema de partes inertes, tudo sem a

mente organizadora dos cientistas, o gênio dos neurologistas, a criatividade dos sujeitos conhecedores” (GILKEY *apud* POLKINGHORNE, 2001, p. 136

Afinal, sem a vida real da pessoa, sem o agir, o sentir e o refletir, o perdoar e o prometer, as virtudes e os erros, o prazer, a dor e a morte, sem, enfim, as experiências encarnadas, a religiosidade seria estéril. O fator da equação do sagrado, considerado sem o que se pode denominar ‘tateabilidade da vida’, isto é, sem as experiências vitais da pessoa — torna a religiosidade uma idéia desencarnada” (CHITTISTER, 1998, p. 165).

Essa síntese decorrerá principalmente da *con*-vivência humana em torno dos valores que devem inspirar a busca do sagrado, em que o respeito e a misericórdia se inscrevem como hierofanias fazendo frutificar o compromisso de nos responsabilizarmos pelo mundo e pela vida a qualquer custo pessoal. Afinal, sem a imortalidade da Vida, com seu mistério, e sem o sagrado, como o ‘plenamente outro’, o que restará em nosso mundo humano assim absurdamente reduzido a existências isoladas, episódicas, efêmeras e sem sentido que se limitam a nascer e morrer, instantes fugazes de angústia plantados ao acaso no universo físico vindo do nada e condenado ao nada?

Mesmo sendo capazes, portanto, de nos questionar com criatividade, só poderemos “responder de modo provisório e com humildade à indagação sobre o que é Vida, na esperança [...] de que a busca continue”. Nossa consciência, então, nos impelirá sempre à exploração do mistério da Vida que continuará depois de cada um de nós, pois participamos “de um *continuum* de vida que circunda e abarca o globo” (MARGULIS et SAGAN, 2002, p. 254).

Integramos, enfim, um sistema de vidas iniciadas por outras e iniciadoras de outras, em reinícios perpétuos que garantirão a imortalidade da Vida em nosso mundo e se lançarão nos espaços infinitos do universo, em outros mundos e em outros tempos, alimentando o mistério.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10.ed. Trad. Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARIAS, Juan. **Um Deus para 2000** – Contra o medo e a favor da felicidade. Trad. Roseana Murray. Petrópolis: Vozes, 1999.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **General System Theory** – Foundations, development and applications. New York: George Bazillier, Inc. 1969.

BORGES, Jorge Luis. **História da Eternidade**. Trad. Carmen Cirne Lima. 4.ed. São Paulo: Globo, 1997.

BRUNER, Jerome Seymour. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **Feito e a Ser Feito**. As Encruzilhadas do Labirinto V. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Trad. Eduardo Branco. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. 9.ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

CHITTISTER, Joan. **Fogo sob as Cinzas**. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea. Trad. Ricardo Tescarolo. São Paulo: Paulinas, 1998.

→ FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade – A literatura e o senso de realidade**. Coleção Ensaios Transversais 17. São Paulo: Escrituras, 2002. *Figuras Filosóficas*

GOSWAMI, Amit; REED, Richard E.; GOSWAMI, Maggie. **O Universo Autoconsciente** – Como a consciência cria o mundo material. Trad. Ruy Jungmann. 5.ed. São Paulo: Record; Rosa dos Ventos, 2002.

→ IMODA, Franco. **Psicologia e Mistério**. O desenvolvimento humano. Trad. Adalto Luiz Chitolina et Mathias J.A. Ham. São Paulo: Paulinas, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. [1788]. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. **O que é Vida?** Trad Vera Ribeiro. Revisão técnica e apresentação Francisco M. Salzano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **Reflections and Chaos and God’s Interaction with the World from a Trinitarian Perspective**. In RUSSELL, Robert John; MURPHY, Nancy; PEACOCKE, Arthur. **Chaos and Complexity** – Scientific Perspectives on Divine Action. 2.ed. Vatican City State: Vatican Observatory Publications; California/USA: The Center for Theology and the Natural Sciences, 2000.

NÓVOA, A. **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

→ ORTEGA Y GASSET, José. **O Homem e a Gente**. Intercomunicação humana. Trad J. Carlos Lisboa. 2.ed. Rio de Janeiro: LIAL – Livro Ibero-Americano Ltda, 1973.

PEACOCKE, Arthur R. **God’s Interaction with the World**. In RUSSELL, Robert John; MURPHY, Nancy; PEACOCKE, Arthur. **Chaos and Complexity** – Scientific Perspectives on Divine Action. 2.ed. Vatican City State: Vatican Observatory Publications; California/USA: The Center for Theology and the Natural Sciences, 2000.

POLKINGHORNE. **Além da Ciência**. O contexto humano mais amplo. Trad Jussara Di Lolli. Ciências Sociais. Revisão técnica Sérgio Fernando Torres de Freitas. Bauru (SP): EDUSC, 2001.

Norretander's

The user illusion